



PSICANÁLISE

Maria José T. Barbos Irmã
Rafaela Degani
organizadoras

Uma questão de cor

Decolonialidade e psicanálise

Blucher



UMA QUESTÃO DE COR

Decolonialidade e psicanálise

Organizadoras

Maria José T. Barbos Irmã

Rafaela Degani

Uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise

© 2024 Maria José Tavares Barbos Irmã e Rafaela Degani (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE FEPAL: PSICANÁLISE LATINO-AMERICANA

COORDENADORA CIENTÍFICA MARINA MASSI

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Quirino Edições

Diagramação Joyce Gama Rosa

Capa Laércio Flenic

Colaboração Leo Mangiacchi (designer – Fepal)

Arte no Terreiro de Yá (2021), de Rona. Massa acrílica, tinta acrílica, lápis carvão e lápis pastel sobre lona. 1,60x1,56m. Foto: Pâmela Perez

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Uma questão de cor : decolonialidade e
psicanálise / organizado por Maria José
Tavares Barbos Irmã, Rafaela Degani. - São
Paulo : Blucher, 2024.

288 p. (Série Fepal / coordenadora Marina
Massi)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2267-5

1. Psicanálise 2. Racismo I. Irmã, Maria José
Tavares Barbos II. Degani, Rafaela III. Massi,
Marina IV. Federação Psicanalítica da América
Latina V. Série

24-4071

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio

Racismo: a comunidade psicanalítica
diante da urgência de um desafio 9

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Apresentação 13

Maria José Tavares Barbos Irmã, Rafaela Degani

1. Pulsão de destruição: entre racismo anti-negro e
o devir-negro da humanidade 15

Ignácio A. Paim Filho

2. A psicanálise e a cultura da discriminação: o corpo negro
enquanto categoria imaginária simbólica 37

Isildinha Baptista Nogueira

3. A negação do racismo na América Latina e suas
implicações para afrodescendentes e indígenas:
perspectivas para pensar a psicanálise 59

Sônia Beatriz dos Santos

4. Necropoder, mundos de morte e mercado 85

Renato Nogueira

5. Saúde mental, desejo e subjetividade <i>Kwame Yonatan Poli dos Santos</i>	107
6. Experiências de cor: branquitude e apagamento <i>Andréa Máris Campos Guerra</i>	127
7. O Falo branco ou a inscrição da supremacia branca e o racismo na prática psicanalítica <i>Marco Posadas</i>	167
8. Viagem através do racismo e a busca por uma saída <i>Iván Gutierrez Cuadrado</i>	183
9. Tranças de ébano <i>Luis Fernando Orduz</i>	205
10. Pele marrom: discriminação, identidade e resistência <i>Carmen Rosa Zelaya Pflucker</i>	229
11. As monoculturas como violação da singularidade <i>Geni Núñez</i>	245
12. Como é a escuta quando não há uma linguagem compartilhada? Olhar psicanalítico a experiências de intervenção com povos originários do Panamá <i>Natalia Mudarra</i> <i>Tradução: Helena Ardaiz Surreaux</i>	263
Posfácio Negritude e as trincheiras narcísicas implantadas pela branquitude: caminhos para decolonizar a psicanálise <i>Ignácio A. Paim Filho</i>	279
Sobre os autores	285

Prefácio

Racismo: a comunidade psicanalítica diante da urgência de um desafio

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

A história deste livro teve origem antes mesmo do desejo e da possibilidade de sua publicação; ela é uma história longa, que antecede à gestão que o produziu e ao curso que deu nome à obra, “Uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise”. Esta história nasce da intenção dos povos indígenas e afrodiaspóricos de romper o silêncio, de sair das sombras do apagamento e do recalque que afastam e bloqueiam aquilo que é sentido como ameaçador.

Esta história é igualmente definida pela meticulosa obstrução de crescimento igualitário, promovida por consecutivos sistemas políticos que separam e excluem, através de mecanismos econômicos e de poder, as populações citadas. Trata-se da história do privilégio racial determinado por europeus e mantido por seus descendentes, e de passos que vêm de longe, dos povos originários ou pela migração forçada, pelo sequestro de África, exigindo voz e direito de contar a própria história.

Portanto, o livro fala antes de sua existência, como na mitologia das religiões de matrizes africanas, em que “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje”, ou como na elaboração psíquica, na qual compreendemos internamente uma ideia ou um

sentimento que preexistia à nossa consciência, que age internamente independente da nossa vontade. Os autores deste livro falam hoje, mas os elementos desta construção, o que a torna inteligível, vem sendo pavimentado desde o passado pelos que sofreram e pelos que vieram antes de nós.

No programa que sustentou a nossa direção da Fepal (2023-2024), dizíamos:

A América Latina, marcada historicamente pela colonização dos impérios espanhol e português, com algumas exceções, traz em si, na sua formação, o experimento da necropolítica, de matança real e simbólica, de matanças invisíveis que, nas palavras do filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe, significa a soberania e o controle sobre a mortalidade, e a definição da vida “como implantação e manifestação de poder”, a capacidade “de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2020, p. 5). Atravessada, pois, pela invasão colonial e pela eliminação de povos e de idiomas originários, a AL sofre da (...) hierarquização de suas populações, de guerras ocultas e dissimuladas fundamentadas pelas marcas afetivas desse tempo passado. É, portanto, frágil quando estratégias do autoritarismo desafiam os pactos que estabelecemos para viver em sociedade.

(...) vêm daí também, das colonizações, a questão do poder que se manifesta na linguagem, as ideologias presentes no discurso, tal qual vemos na história de Calibán, personagem central da peça “A Tempestade” (de Shakespeare) que, não por acaso, nomeia a publicação oficial da Fepal (Wania Cidade, 10/2022).

Formulamos, assim, uma política em que foi fundamental trazer à tona o racismo, denunciá-lo, abrir vias de discussão e de ação a

respeito deste fenômeno que tem repercussões visíveis nas instituições psicanalíticas e nas clínicas particulares.

Qualquer psicanalista sensível, que olhe ao seu redor, verá o seu próprio reflexo: nuances da mesma tonalidade de pele, do mesmo estrato social, do mesmo acesso à educação, à saúde, à habitação, à cultura. Decerto que há exceções, mas a grande maioria é branca, de classe média e não teve maiores dificuldades materiais para acessar a psicanálise. A despeito deste quadro, os psicanalistas não são afeitos a discutir o racismo antinegro, apesar de ser Freud um judeu, vítima do racismo europeu e do antissemitismo que provocou o holocausto.

Neste ponto, é digno de nota um agradecimento especial à coordenadora científica, Marina Massi (SBPSP), que expandiu a discussão sobre o racismo, promovendo o curso que deu nome a este livro: “Uma questão de cor: decolonialidade e psicanálise”, tornando-o tema de um dos eixos do Congresso de Psicanálise da América Latina e fazendo desta publicação uma realidade.

Marina não esteve sozinha, contou com Maria José Tavares (SBPSP), que organizou e coordenou o curso, que, por sua vez, contou com Rafaela Degani (SBPdePA), que a ajudou a coordená-lo.

Devo agradecimentos também à secretária geral, Joyce Goldstein (SPPA), à coordenadora de Infância e Adolescência, Zoila Ortiz (Socolpsi), à diretora de Comunicação e Publicações, Adriana Pontelli (APC), à diretora de Comunidade e Cultura, Diana Zac (APdeBA), à diretora do Conselho Profissional, Maria Pia Costa (SPP). Estas mulheres, psicanalistas, mergulharam nas questões provocadas pelo racismo e puseram em prática o que antes era uma promessa: o desafio contundente de debater e de promover mudanças no ambiente psicanalítico da Federação Psicanalítica da América Latina – Fepal. Cada qual, dentro do seu espaço de atuação, mexeu em cenários malditos e pensou sobre centenários comportamentos que puseram sobre o pensamento libertador da psicanálise o véu encobridor e mofado das lembranças indesejadas.

Houve uma caminhada importante que é preciso mencionar, embora saibamos que em um universo de cinco mil pessoas, talvez cinco por cento tenham sido profundamente tocadas pelas reflexões conceituais e pelas ações deste grupo.

Lidamos com um fenômeno renitente, e reproduzido através dos séculos, com o qual os psicanalistas precisam se defrontar, pois não é razoável que se ignore a pouca frequência ou a escassa participação de não brancos entre nós. Se em quase cem anos o panorama não se alterou, se os institutos não veem a sociedade civil representada no seu interior, isto indica que necessitam de muita reflexão e de projetos que contemplem a descolonização do pensamento e a inclusão da pluriétnicidade e da multiculturalidade existentes na América Latina.

Alfabetizar é preciso! Voltar no tempo, olhar o presente, mudar o futuro, como na simbologia contida no *Sankofa*, em que a história é revisitada, retornando-se ao passado para alcançar conhecimentos que promovam mudanças no futuro.

As leitoras e os leitores escutarão a multiplicidade de vozes do coro que entoa a sinfonia afrodiáspórica, e deleitar-se-ão com a existência, a subjetividade e a autoridade com que falam de si e de suas gentes, descendentes de África que, com as suas palavras, contrariam um destino vaticinado, transgridem e cortam o olhar que aprisiona e que tenta fixar o sujeito em um só lugar.

São psicanalistas, professores, filósofos, a maioria afrodescendentes, mas também indígenas e colegas que encaram o desafio de pensar e de agir sobre os efeitos do racismo na América Latina.

Tenham uma boa e inquietante leitura!

Apresentação

Maria José Tavares Barbos Irmã e Rafaela Degani

Este livro é fruto do curso “*Letramento Racial Latino-americano*” organizado pela Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), na gestão que tem como presidente, a psicanalista Wania Cidade, primeira mulher negra a ocupar esse lugar. O curso, “*Uma Questão de Cor: decolialidade e psicanálise*”, homônimo do livro, é uma iniciativa da equipe da Coordenação Científica dessa gestão, coordenada pela psicanalista Marina Massi, que tem como um de seus eixos principais de estudo e transmissão das questões das relações raciais na América Latina.

Foram 12 aulas ministradas ao longo de um ano. Contamos com a participação de profissionais de diversas áreas, que generosamente compartilharam seu vasto conhecimento a respeito do tema. Foram encontros marcados pelo diálogo e diversidade, que se transformaram em textos presentes nos capítulos deste livro.

A América Latina é marcada por uma história de colonialismo, resistência e diversidade cultural. A psicanálise latino-americana fertilizou-se no continente, tendo hoje uma relevância mundial. Entretanto, por décadas não se discutiu o racismo, seus efeitos e causas sob um viés psicanalítico, denunciando uma desmentida coletiva em nossas instituições. Como não pensar a clínica e a teoria em nosso ofício se estamos inseridos em uma sociedade marcadamente racista? Por essa razão, julgamos urgente um projeto de letramento racial para a comunidade Fepal e demais interessados.

É premente que a psicanálise se debruce sobre as heranças do colonialismo, sobre aquilo que nos constitui enquanto sujeitos latino-americanos. Assim, este livro se apresenta não apenas como um convite ao diálogo, mas como uma ação em direção ao letramento racial tão necessário em nosso meio. Que as próximas páginas inspirem novas investigações, aguçe a escuta e amplie as fronteiras de uma psicanálise ainda bastante branca e eurocêntrica.

Boa leitura.



É premente que a psicanálise se debruce sobre as heranças do colonialismo, sobre aquilo que nos constitui enquanto sujeitos latino-americanos. Assim, este livro se apresenta não apenas como um convite ao diálogo, mas como uma ação em direção ao letramento racial tão necessário em nosso meio. Que estas páginas inspirem novas investigações, agucem a escuta e ampliem as fronteiras de uma psicanálise ainda bastante branca e eurocêntrica.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2267-5



9 788521 122267 5



www.blucher.com.br

Série
Fepal
COORD. MARINA MASSI

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Uma questão de cor Decolonialidade e psicanálise

Maria José T. Barbosa Irmã, Rafaela Degani (Org.)

ISBN: 9788521222675

Páginas: 288

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
